

Construção de identidade de mulheres, homens e seus processos na cultura grega e sambia

Leci do Carmo da Luz

Membro do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Religião da FBB (NEIGER).
E-mail: leci.luz@ig.com.br

Resumo

Este artigo aborda as diferenças e a semelhanças entre os ritos de iniciação à fase adulta, dos garotos e garotas atenienses na Grécia Antiga e na civilização sambia.

Palavras-chave: Identidade. Ritos. Iniciação. Macho. Fêmea. Felação.

Construction of identity of women, men and its processes in the culture Greek and sambia

Abstract

This article approaches the differences and the similarities between the rites of initiation to the adult phase, of the Athenian boys and girls in Old Greece and the sambia civilization.

Key words: Identity. Rites. Initiation. Male. Female. Felação.

INTRODUÇÃO

A construção da identidade masculina e feminina ocorre de maneira peculiar a cada modelo de sociedade. Assim, cada indivíduo partícipe de sociedade precisa seguir o modelo de conduta estabelecido e esperado no seu núcleo social mediante um processo educativo que o prepara para desenvolver plenamente as suas capacidades e habilidades no convívio com o coletivo, definindo a conduta, atitude interior e exterior com as quais o sujeito irá exercer seu diálogo diário com restante das pessoas.

Em algumas civilizações, o processo educativo se dá através de ritos de iniciação para atingir o “*status*” de socialmente capaz necessita primeiro, submeter-se à prova e, por conseguinte, obter o êxito para ser reconhecido.

Cada gênero possui um rito de passagem particular e diferente que lhe confere o direito de cidadã ou cidadão oficialmente capaz. Logo, o cerimonial usado para a garota que se faz mulher é diferente do garoto que se faz homem.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA E FEMININA NA CULTURA GREGA

A civilização grega efetuou o processo de educação de seus cidadãos de forma que sua conduta e seus comportamentos fossem “[...] produtos de uma disciplina consciente” (JAEGER, 2001, p.24).

Dentre as práticas pedagógicas utilizadas na formação dos indivíduos masculinos, na civilização grega ateniense, além daquelas que formavam o cidadão culto como Artes, Literatura e Filosofia estavam as disciplinas que se dedicavam a ensinar o uso do corpo, como instrumento de guerra. Este uso longe de denegrir a imagem do homem, transformava-o numa espécie de estereótipo aceito pelo meio social da época e que elevava o sujeito a uma condição de destaque perante os outros.

Assim, os homens considerados como valorosos, na sociedade ateniense, eram aqueles que lutavam, desprezavam a dor e renunciavam ao convívio de sua família, ou seja, viviam em função de provar seu valor empunhando sua espada. Podemos nos servir de muitos exemplos: Aquiles, Hércules, dentre outros.

Desta maneira, a “*arete*”, foi definida por Jaeger (2001, p. 26) como “[...] atributo próprio da nobreza [...]”; logo, a virtude pertencente ao gênero masculino, pautava-se na quantidade de provas e obstáculos ultrapassados pelo macho e na quantidade de cicatrizes gravadas em seu corpo. Um homem deveria manifestar seus atributos para conseguir o repito perante a sociedade, na época da Grécia retratada pela poesia heróica.

Todavia, tal sentido de “*Arete*” é considerado somente em se tratando da Grécia, contada a partir da poesia heróica, pois, neste momento, a “*arete*”, é considerada como “[...] expressão da força e da coragem heróica, estava tão

fortemente enraizada na linguagem tradicional da poesia heróica, que esse significado havia de permanecer ali por muito tempo.” (JAEGER, 2001, p. 26).

Tais atributos se faziam estritamente necessários para que o homem se mantivesse respeitado na sociedade grega antiga. “[...] Em geral, de acordo com a modalidade de pensamento dos tempos primitivos, designa-se por ‘arete’ a força e a destreza dos guerreiros ou lutadores [...]”. (JAEGER, 2001, p 27). O ideal de modelo de homem aceito era aquele sujeito destemido, bravo, heróico e viril. assim como mostra os diversos relatos a respeito da formação do homem grego.

Os atos de heroísmo, devido à própria natureza deste termo, estavam diretamente ligados ao uso da força e das estratégias militares, isto por sua vez requer uma educação baseada no desprezo da dor física, por isso, uma pedagogia rígida com relação ao treinamento dos corpos masculinos se fez imprescindível. Nesses moldes, o homem dotado de “*arete*” se constituía como homem honrado, pois, “*arete*” e honra estava intimamente ligada.

Salientamos que, os atributos partícipes das almas irascíveis eram necessários, mas não eram os únicos que importavam na sociedade grega da época. Como dissemos nos primeiros parágrafos, literatura, poesia e filosofia também faziam parte da formação do homem grego. “Conta Platão que era de opinião geral no seu tempo ter sido Homero o educador de toda a Grécia.” (JAEGER, 2001, p. 70).

É na epopéia homérica que está manifesta “[...] a peculiaridade da educação helênica [...]” (JAEGER, 2001, p. 64). Além disso, segundo o autor, nenhum outro povo, apesar de alguns traços semelhantes, conseguiu expressar “[...] o seu sentido universal do destino e verdade permanente da vida. (JAEGER, 2001, p. 65). Os mitos trazidos pelas descrições homéricas foram muito usados para promover a educação e, por conseguinte a formação da identidade dos indivíduos. As descrições homéricas permaneceram durante muito tempo como norteadoras da conduta grega.

Se a construção da identidade masculina ateniense foi concebida em meio ao uso da força física e das estratégias militares, a construção da identidade feminina permeia, notadamente, por outros caminhos.

Para que a personagem feminina adquirisse o “*status*” de adulta era necessário que esta soubesse suas obrigações como esposa, mãe, e destituída das decisões em nível público, uma vez que, não era considerada como cidadã da pólis.

Apesar disto, segundo Jaeger (2001), a mulher ateniense desempenhava um papel muito importante visto que a educação do homem grego exaltava as características próprias da esfera feminina, a exemplo de sua capacidade conceptiva, uma vez que somente a mulher possuía os atributos necessários para a gestação de indivíduos celebres.

Outro fator importante para o reconhecimento da mulher na esfera social era a posse de alguns itens decorativos. Tais itens se faziam para que se anunciassem a sua ascendência, a sua posição ante o meio social.

Jaeger, em *Paidéia*, exemplifica esse fato com a descrição de um utensílio decorativo usado por Helena sem o qual não se poderia conceber uma dona de casa, trata-se segundo o autor de “[...] ouro o fuso e de prata a roca.” (JAEGER, 2001, p.46).

Além disto, a figura feminina precisava possuir atributos corporais que a fazia alvo das solicitações dos homens, e conjuntamente, possuir atributos comprobatórios do seu compromisso com a família, a exemplo de sua qualidade de mãe e esposa.

Tais disposições, para Jaeger (2001), eram exaltadas no meio social chegando até mesmo a influenciar nas decisões de seus consortes, ultrapassando assim o limite do âmbito doméstico e chegando à esfera pública por intermédio de uma pequena intervenção feita através de sua beleza e seus apelos.

[...] A Arete própria das mulheres é a formosura. Isto é tão evidente como a valorização do homem pelos seus méritos corporais e espirituais. [...]. A mulher, todavia, não surge apenas como objeto da solicitação erótica do homem, [...]. A mulher é atendida e honrada não só como um ser útil, como sucede no estágio campesino descrito por Hesíodo, não só na qualidade de mãe dos filhos legítimos, como se vê na burguesia grega dos tempos posteriores, mas acima de tudo e principalmente por que, numa raça orgulhosa de cavalheiros, a mulher pode ser mãe de uma geração ilustre. Ela é a mantenedora e guardiã dos mais altos costumes e tradições [...]. (JAEGER, 2001, p. 46-47).

Outro exemplo que demonstra a atitude feminina elucidado por Jaeger (2001) é o da personagem Arete, esposa de um príncipe, que foi glorificada pelo seu povo devido a sua capacidade de sanar disputas, e sua intervenção nas decisões do marido, atuava como uma espécie de pacificadora dos ânimos exaltados do esposo.

Foi desta forma que a personagem fêmea se apresentou como muito honrada e bastante requisitada na perspectiva trazida por Jaeger (2001). Os atributos femininos, segundo o autor, não perpassavam pela glória revelada nos campos de batalha que era de prevalência masculina, mas os eram louvados e honrados em sua própria esfera, ou seja, os atributos femininos eram cultuados enquanto tais. Uma mulher era louvada por ser dona de casa, esposa e mãe. Era neste âmbito que residia toda sua glória. Tal base cultural é válida no que diz respeito à cidade de Atenas. Esparta não seguia tais princípios.

Apesar da conotação dada pelos gregos à suas mulheres, algumas prerrogativas dessa civilização, também aparecem na civilização Sambia da Nova Guiné, pois, esta também possuía uma forma característica de se construir a identidade masculina. Mas antes de tratarmos sobre a civilização sambia, cabe-nos abordar, de forma introdutória, a questão da pedagogia homossexual na Grécia.

A PEDAGOGIA HOMOSSEXUAL NA GRÈCIA

Mas antes de adentrarmos os ritos de passagem do sambias se faz necessário dizer algumas breves palavras com relação à pedagogia utilizadas pelos gregos: essa prática não deve ser confundida como uma maneira de se fabricar indivíduos homossexuais, mas sim como viés para fazer com que o menino introjete os valores necessários para se tornar homem. Via de regra, a transmissão dos saberes acontecia mediante a interação desse menino com seus iguais.

Este é um princípio básico também em diversos lugares distintos da Grécia. “Os homens que amarem homens procurarão igualá-los e ser como eles, enquanto os que amarem mulheres se tornarão como elas, quer dizer, efeminados.” (BADINTER, 1996, p. 79).

Assim, a identidade do menino é obtida na relação de correspondência entre ele e os seus iguais, logo, quem educa, educa o seu igual. Isso leva a pressupor a ênfase da idéia de que, convívio do garoto com sua mãe ou qualquer outra personagem feminina faria com que este adquirisse características e valores tipicamente femininos, o que com certeza não lhe traria nenhum tipo de glória que fosse destinada e respeitada no universo masculino.

Tal atividade, ou seja, a relação entre homens, segundo a autora, era tão nobre que não estava acessível aos escravos. “A homossexualidade já era considerada uma atividade tão nobre que Sólon proibiu que os escravos a praticassem.” (BADINTER, 1996, p. 79).

Muitos nobres foram iniciados através deste modelo educacional acompanhando-se de um mestre em detrimento a sua família, a exemplo, de Aquiles, que ainda criança e sem qualquer noção sobre guerras foi confiado aos cuidados de Quíron por seu Pai Peleu. A pedagogia homossexual era a maneira mais apropriada para um homem adulto transmitir ao aluno as virtudes necessárias para que ele pudesse se conduzir frente o meio social.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE MASCULINA PARA A CIVILIZAÇÃO DOS SAMBIAS

A construção da identidade masculina entre os sambia assim como nos gregos acontece de forma dolorosa e imposta, ou seja, é algo que não acontece, mais é colocada através da força. Acontece também de maneira calculada, onde estão sempre presentes, medo, dor e privação.

Todos os garotos antes de gozarem do título de homens deveriam se submeter a tais sentimentos; o não cumprimento deste ritual implica em ser passível desvirilização e reclusão ao universo feminino e, por conseguinte, a não realização das “sonhadas” conquistas de glórias.

A inclusão do garoto no universo feminino atua como uma maneira de perda do respeito, do “*status quo*” e, por conseguinte, de todos os privilégios reservados a um ser classificado como homem merece. Assim, um macho partícipe do universo feminino é insosso e por isso não é tido como macho

efetivamente. Para que isto não ocorra, é imperativo que o garoto se coloque à prova e demonstre à sociedade sua aptidão, para adentrar no mundo adulto.

Então, alguns pressupostos são necessários para o norteamento da formação masculina dos sambias, pressuposto tais como, segundo Badinter (1996), a idéia de um limite a transpor, a utilização de provas para o concedimento do título de homem e a retirada dos personagens paterno da vida do garoto. Logo, “[...] o objetivo comum desses ritos é mudar o estatuto de identidade do menino para que ele renasça homem.” (BADINTER, 1996, p 71).

Para que o menino consiga renascer é necessário primeiro ter em mente três idéias: a idéia de “[...] limite a transpor” (BADINTER, 1996, p. 69), pois é preciso transcender a condição de garoto devido ao fato de que “[...] o menino tem o dever de sair de uma infância indiferenciada.” (BADINTER, 1996, p.69). A idéia de “[...] necessidade das provas” (BADINTER, 1996, p.70) por que o garoto precisa demonstrar que está preparado para enfrentar a vida adulta, sendo que nessas provas não estão excluídas práticas dolosas, pois um homem deve aprender a ignorar a dor, já que “[...] a dor é antes de tudo assunto de mulheres” (BADINTER, 1996, p.70). E a terceira idéia é a de que os pais têm papel nulo na formação do garoto, uma vez que, “[...] o jovem entra no mundo dos homens pela graça de outros que não o seu genitor.” (BADINTER, 1996, p.70).

As três idéias ajudam no desenrolar de três etapas partícipes da iniciação dos jovens sambias. Este povo da Nova Guiné fabrica seus homens adultos mediante três etapas: “A separação da mãe e do universo feminino; a transferência para um mundo desconhecido; e a passagem por provas dramáticas e públicas.” (BADINTER, 1996, p.71).

Essas três etapas atuam no sentido de promover a passagem da criança ao estágio adulto. Entre os sambias, em Nova Guiné, a forma de anunciar o início do rito de passagem do garoto é através do som ecoado de flautas; nesse momento, ocorre que os garotos são retirados do convívio materno e levados à florestas, ali permanecendo durante alguns dias. “*Entre los sambia, los ritos de iniciación a la virilidad, que los niños atraviessan a partir de los 7-8 años, enpiezan com la separación de los muchachos de la proximidad de la madre [...]*”, (RUBIO, 2001, p. 4) Logo, é necessário que os garotos se separem da mãe com o intuito de crescer, pois uma vez próximo ele correrá o risco de ter

seu crescimento cerceado. Uma vez separados do convívio materno e levados “[...] a um lugar del monte exclusivamente masculino [...]” (RUBIO, 2001, p. 4), são chicoteados até sangrar para que o corpo fique propício ao crescimento. Práticas como a “hemorragia nasal” são consideradas por Maria Isabel Rubio como sendo uma das mais dolorosas, e “[...] consiste em quitar del cuerpo de los muchachos ‘la sangre y la leche’, amém de otras influencias femininas contaminantes, [...] estas influencias femininas inhiben la masculinización [...].” (RUBIO, 2001, p. 4).

Os fatos descritos acima demonstram a necessidade, por parte dos sambias, de se expurgar dos corpos dos garotos os fluídos que os impedem de crescer e, por fim, a necessidade de substituí-los por fluídos que possam ajudá-los em seu desenvolvimento. Portanto, existe aí, a necessidade de substituir o sangue e o leite materno pelo esperma masculino, através da ingestão que se constituía como imprescindível para a transformação do garoto em homem efetivo.

[...] Entre os Sambias, da Nova Guiné, é o som das flautas que anuncia o começo da iniciação dos meninos. Arrancados de surpresa de suas mães, eles são levados para a floresta, onde durante três dias são chicoteados até sangrar, para a pele se abrir e estimular o crescimento. São batidos com folhas de urtiga e devem sangrar pelo nariz para se desembaraçarem dos líquidos femininos que os impedem de se desenvolver. (BANDITER, 1996, p. 72).

Essas práticas que nos parecem “afrontas”, para os sambias são necessárias para que o garoto deixe o universo feminino optando pelo universo masculino, uma vez que o universo feminino não acopla nenhum atributo que glorifique o indivíduo.

O STATUS DA FÊMEA

A construção da identidade da fêmea, na cultura sambia, assim como diversa tribo da Nova Guiné, se dá de maneira que a mulher não necessite ser colocada à prova dolosa, sendo que seu aprendizado perpassa por iniciação natural marcada pelo início do ciclo menstrual que “[...] abre à adolescente a possibilidade de ter filhos” (BADINTER, 1996, p. 69) e a faz alcançar o

estado de mulher. A menina, na cultura sambia, não precisa passar por esses ritos sangrentos de iniciação, ela “[...] só tem direito a cerimônias muito mais curtas e infinitamente menos penosas.” (BADINTER, 1996, p.76). Ficam confinadas ao universo feminino por tempo e “[...] começam a multiplicar as visitas e serviços à família de seus futuros sogros.” (BADINTER, 1996, p.76).

Todavia, embora a identidade feminina seja contraída mediante o aparecimento do ciclo menstrual e posterior gestação dos filhos, estes não devem carregar em si nenhum traço de sua ligação materna e por isso necessitam ter expugnado de seus corpos os fluídos femininos de suas mães, no intuito de se tornarem aptos para designar as suas tarefas masculinas como: guerrear, prover o sustento, defender a comunidade, a se tornarem iniciadores e ajudar os mais jovens a alcançarem o futuro título de homens, para tanto é condição que os homens escolhidos neguem o contato com as mulheres, a fim de se manterem limpos. Além do mais, a eliminação dos fluidos maternos fazem com que os machos não estejam subjugados às necessidades biológicas como as mulheres, pois, do contrário se tornariam machos incapazes. A eliminação do papel da mãe e sua substituição por um iniciador homem são determinantes da vida jovem candidato à idade adulta.

Tal simbologia parece fornecer a demonstração da superioridade masculina frente as suas “semelhantes fêmeas”, pois, estas não terão desenvolvido habilidades que a permitam transitar pelos ofícios masculinos, e, portanto, alcançar glória e vitórias reconhecidas socialmente, nem mesmo pode desenvolver suas habilidades de mãe depois do seu filho ter alcançado certa idade, quando este é tirado do seu convívio para aprender a ser homem. O garoto precisa necessariamente passar por esse processo de crescimento.

O PAPEL DA PEDAGOGIA HOMOSSEXUAL NA FORMAÇÃO DO HOMEM NA SOCIEDADE SAMBIA

“[...] A pedagogia homossexual é o segredo da transformação dos meninos em homens. É o caso das tribos Sambia e Baruya. [...]. É uma etapa incontornável para a masculinidade heterossexual [...].” (BADINTER, 1996, 80).

O papel pedagógico desempenhado pela relação entre homens é de extrema importância, pois é através dela que os meninos se tornam maduros, todavia, tal prática não pode ser efetivada por iniciadores que tenham sido contagiados pelos líquidos das mulheres, pois se caso isto tiver acontecido eles se tornaram inaptos devido ao fato de que é justamente o líquido do iniciador que vai limpar, por assim dizer, o iniciado da ligação fluídica para com sua mãe, através da felação entre os indivíduos constituintes da civilização sambia. Tal felação é o, “[...] único meio para que os meninos cresçam e adquiram competência viril [...].” (BADINTER, 1996. p. 83).

Contudo, a felação efetuada entre os iniciadores [celibatários], logo, aqueles que “[...] não tiveram relações sexuais com as mulheres, e, portanto não foram contaminados por elas [...]” (BADINTER, 1996. p. 83) e seus iniciados, no que diz respeito aos primeiros, só é recebida, logo, eles não aplicam a felação em seus aprendizes devido ao fato de isto é errôneo, pois “[...] desejar sugar o pênis de um menino pré-púbere seria uma perversão [...].” (BADINTER, 1996. p. 83).

A felação, além de livrar os meninos das fraquezas herdadas da mãe, serve para permitir “[...] a produção espermática nos meninos.” (BADINTER, 1996, p. 80). Salientamos que a ligação do jovem aos seus iniciadores não possui qualquer associação a uma ligação homossexualizada no moldes contemporâneos. É, antes de tudo, uma ligação pedagógica, na qual o jovem aprende como ser homem, visto que, mais tarde poderão ligar-se em matrimônio com seus opostos femininos. Além do mais, o fato de se ter uma prática pedagógica restrita aos homens se dá, pois é preciso repassar para as gerações seguintes que:

[...] o grande segredo da masculinidade — que nenhuma mulher deve saber — é que “o esperma dá aos homens o poder de fazer renascer os meninos fora do ventre de suas mães, no mundo dos homens e apenas por intermédio deles. Este segredo, o mais sagrado, é que os jovens iniciados são alimentados com o esperma dos mais velhos, [...], com a finalidade de fazê-los crescer mais que as mulheres se serem capazes de dominá-las. (BADINTER, 1996, p. 82).

Logo, a prática pedagógica na maneira dos sambias se dá no intuito de fazer com que os homens estejam aptos à dominação de suas mulheres. Vemos aí que o homem assume papel de sujeitos principal da relação entre os

gêneros, legando a mulher um *status* inferior na sociedade, pois, existe uma diferenciação bem demarcada com relação à posição que cada um ocupa perante a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, que a construção da identidade dos povos tratados se assemelham quanto o culto a um modelo de macho viril, guerreiro, destemido, embora seja construído de uma maneira particular a cada sociedade. E à mulher, cabe o papel de progenitora.

O fato é que existe uma considerável diferença entre os papéis sociais que homem e mulher assumem tanto na civilização grega quanto na sambia. Uma coisa se faz claro; as mulheres não possuem a mesma vida gloriosa que o homem. É antes de tudo alvo de repulsa em alguns momentos, tal como no momento da transformação do menino em homem, onde ele deve afastar-se para que o contato com mulheres não lhe prejudique o desenvolvimento.

Mesmo assim, podemos perceber uma espécie de projeção da imagem feminina no mundo grego, diferentemente dessa mesma personagem entre os sambias, uma vez que, como demonstramos, Jaeger (2001) identifica um papel muito importante exercido pela mulher grega ateniense, que algumas vezes terminava por intervir diretamente nas decisões masculinas. da época, além é claro, da sua importância na gestação de filhos célebres.

Mas apesar desta função especial desenvolvida pela mulher grega, ainda se constituía como indispensável o desvencilhamento dos garotos da sua família para que o crescimento dele fosse possível, assim como na civilização sambia. Tanto em uma civilização quanto em outra, existe um estabelecimento de classes pautadas na diferença educacional dos gêneros que se faz presente para o estabelecimento de um ordenamento social bem definido e próprio de cada civilização.

Quanto aos homens, é interessante como as construções das civilizações abordadas neste artigo parecem convergir: ambos processos educativos, são regidos mediante a ruptura com suas mães, o abandono ao lar, e a masculinidade é reconhecida pelo meio social e por ele mesmo de acordo o êxito das provas da superação da dor, traço que de maneira alguma faz parte

do conjunto de atributos da fêmea. Outro ponto em comum desses povos é fato de que o “fazer-se homem” se dá numa relação pedagógica homossexual, uma vez que, apenas os homens adultos podem ensinar aos jovens ascenderem a esta posição dotada de glórias.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **XY Sobre a identidade masculina**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4. ed. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RUBIO, Maria Isabel J. El estudio de las masculinidade. **Gazeta de Antropologia**, n. 17, 2001.

Artigo recebido em 24/10/2006 e aceito para publicação em 30/03/2007.